



Por que o Livro de Mórmon menciona dragões?

"E aconteceu que o povo de Lími começou a repelir os lamanitas, apesar de seu número não chegar à metade do deles. Mas lutavam pela vida e por suas esposas e filhos; portanto, empregaram todos os seus esforços e combateram como dragões."

Mosias 20:11

O conhecimento

Um aspecto do Livro de Mórmon, que às vezes é impressionante, são seus quatro usos da palavra dragão. Duas dessas citações são de Isaías, o que não é surpreendente, uma vez que a palavra é encontrada em muitas passagens da Versão King James da Bíblia. No entanto, o termo também é usado em duas passagens exclusivas do Livro de Mórmon, em ambos os casos como uma analogia para combatentes ferozes (Mosias 20:11; Alma 43:44). Os leitores podem se surpreender com essas ocorrências e se perguntar por que dragões, criaturas míticas, são mencionados no Livro de Mórmon.

Como a ideia nefita de dragões pode ter derivado originalmente da visão israelita, vale a pena resumir o que eram dragões no Oriente Médio e na Bíblia hebraica em particular. A palavra hebraica traduzida como "dragão", tannin, é um termo amplo que

descreve criaturas reptilianas de vários tamanhos: cobras, crocodilos e até mesmo cobras marinhas lendárias. Embora tannin às vezes seja traduzido como "baleia" na versão King James, a aproximação é um pouco hipotética, e tannin regularmente reptiliano.

Ocasionalmente, é descrito em terra; no entanto, está principalmente associado à água e geralmente é descrito em ou com água.⁴ Como outros "dragões" do Oriente Próximo, representa o caos aquático que precedeu a Criação. Assim, muitas culturas do Oriente Próximo relacionam a morte de um monstro marinho original com o alvorecer da Criação. Várias passagens bíblicas parecem se referir a Jeová matando um grande monstro marinho (tannin) como parte da Criação e usam nomes próprios como Rahab para o monstro.

O entendimento hebraico de tannin também pode estar por trás de alguns dos usos da palavra "monstro" no Livro de Mórmon. Depois de citar uma passagem de Isaías sobre Deus matando um tannin, Jacó repetidamente personificou a morte, o inferno e o diabo como um "horrrível monstro" do qual Deus "liberta seus santos". O tannin também pode ser a concepção subjacente ao "monstro do mar" que Morôni diferenciou das baleias em Éter 6:10.

Como pesquisadores santos dos últimos dias, como John L. Sorenson e Matthew Roper, apontaram, muitas dessas concepções do Velho Mundo sobre um tannin poderiam ter sido facilmente traduzidas para o ambiente biológico e cultural do Novo Mundo. Falando da menção de Mórmon aos dragões em Mosias 20:11, Sorenson explicou:

Que tipo de "dragões" tinha em mente? Provavelmente estava se referindo ao crocodilo ou jacaré. [...] Mas esse "dragão" era muito mais do que uma parte perigosa do mundo natural. Na mitologia mesoamericana, acreditava-se que uma criatura semelhante a um crocodilo gigante flutuava acima do suposto mar subterrâneo. Suas costas eram a superfície da terra, e sua conexão com a terra e as águas o ligava simbolicamente à produtividade e à fertilidade. Este "monstro da terra" aparece repetidamente na base das esculturas em relevo. [...] Podemos pelo menos apontar duas coisas sobre a iconografia do dragão de Zeniff: (1) tinha um significado poderoso para seus ouvintes, além de ser uma mera frase literária, e (2) o complexo de ideias é representado não apenas no Livro de Mórmon, mas também na Palestina e na Mesoamérica.

Várias espécies de crocodilos (crocodilos, lagartos e jacarés) podem ser encontradas nas Américas. Muitos deles atacam humanos regularmente e às vezes causam fatalidades; sua ferocidade é mencionada em algumas das primeiras descrições deles. As Américas também abrigam cobras perigosas, como a víbora, bem como muitas cobras aquáticas ou semi-aquáticas, como a cobra d'água, a cobra-liga e a cobra marinha venenosa de barriga amarela.

Embora os fundamentos biológicos de um tannin ou dragão do Velho Mundo possam ser traduzidos para

animais do Novo Mundo, há também um paralelo conceitual com a ideia mitológica de um dragão no Novo Mundo. Na verdade, as antigas sociedades americanas tinham muitos paralelos culturais e mitológicos com o tannin como um monstro reptiliano sobrenatural, aquático e violento.

As culturas do Novo Mundo associavam muitos temas diferentes às cobras e crocodilos, mas esses répteis eram frequentemente associados à água, como o tannin hebraico. A água em si parecia personificada como uma cobra. Da mesma forma, imagens de Tulum e do Códice de Dresden retratam uma inundação cósmica de água jorrando da boca de um enorme crocodilo.

Em uma história da Criação do Novo Mundo, um crocodilo gigante ou jacaré foi morto, e seu corpo foi usado para formar a terra e o céu — semelhante às histórias da Criação das culturas do Oriente Próximo, em que um monstro que vivia em um oceano primordial foi morto. Na história do Novo Mundo, a Terra era considerada a parte de trás de um crocodilo gigante ou tartaruga. Assim, os crocodilos tornaram-se um símbolo, não apenas da água, mas também da terra e da fertilidade, e às vezes eram retratados com árvores crescendo a partir deles. O Popul Vuh relata, como os Heróis Gêmeos derrotaram um monstro crocodilo gigante que poderia formar montanhas. O termo dragão às vezes é usado para descrever essas criaturas e os animais nos quais elas se baseiam na erudição moderna.

A serpente era um símbolo sagrado na antiga Israel, e várias culturas do Velho Mundo a tornaram divina ou a descreveram como um ser sobrenatural. As culturas do Novo Mundo também deificavam frequentemente a cobra, e muitas divindades do Novo Mundo aparecem na forma de uma cobra ou mesmo de um crocodilo. Nem todas as divindades reptilianas estavam relacionadas à água, nem sempre eram de natureza bélica. Da mesma forma, nem todas as divindades da água eram guerreiras, mas certamente havia coincidências entre cada um desses temas. Divindades como K'uk'ulkan e Tlaloc podem ser representadas como reptilianas e aquáticas. O próprio mar às vezes era retratado como um lugar de violência. Um dos principais seres sobrenaturais associados à guerra era a Serpente de Guerra, que estava associada à divindade aquática K'uk'ulkan.

O combate, na antiga Mesoamérica, parece ter sido conceituado, às vezes, como lutadores se transformando em seres sobrenaturais zoomórficos durante o conflito. A realeza maia às vezes era acompanhada em procissões por bestas de batalha, representantes de animais espirituais (chamados wayob), nos quais se pensava que os reis eram transformados em combate. Esses animais espirituais às vezes eram descritos como criaturas semelhantes à serpentes. Os Wayob costumavam ser descritos como onças-pintadas, embora alguns argumentem que a representação associada é na verdade um crocodilo ou uma combinação de onça-pintada e crocodilo. Cobras e crocodilos também apareceram nos cocares maias. Talvez essas ideias tenham ajudado a criar a visão nefita de lutar "como dragões".

O porquê

Saber que todos esses conceitos do tannin hebraico — serpentes, crocodilos e lendários monstros marinhos primordiais — eram familiares em um cenário do Novo Mundo, ajuda a dissipar as acusações de que a palavra dragão está mal colocada no Livro de Mórmon. Em vez disso, o termo pode muito bem designar uma série de criaturas poderosas com as quais os leítas estariam familiarizados e das quais se falavam nas antigas culturas americanas. Essa interpretação também ajuda a esclarecer o que os autores do Livro de Mórmon provavelmente tinham em mente ao descrever aqueles que lutaram "como dragões".

Também pode parecer estranho para os leitores que alguns antigos israelitas e nefitas, indivíduos dos quais afirmamos ter sido iluminados pelos profetas de Deus, possam ter acreditado na existência de criaturas fantásticas. No entanto, embora alguns dentro da sociedade israelita e nefita possam ter literalmente acreditado em criaturas míticas, muitas menções a essas criaturas nas escrituras hebraicas e nefitas parecem ser figurativas ou polêmicas. Em alguns casos, os termos podem ter sido mal traduzidos e se referem a uma criatura muito real sem conotações sobrenaturais. As Escrituras ensinam que Deus fala a todas as nações em sua própria língua e que Ele é capaz de acomodar as cosmovisões culturais de todos os povos, dando-lhes tanta verdade quanto Ele julgar adequado e de maneiras que eles possam entender (D&C 1:24; Alma 29:8).

Embora o dragão (do grego drakon) mais tarde se tornasse um símbolo do diabo no Apocalipse de João e no cristianismo em geral, o uso no Livro de Mórmon — e, de fato, o uso mesoamericano — era um pouco mais neutro. Dizem que os nefitas, inspirados por uma causa maior do que a de seus inimigos, lutaram "como dragões". Embora a paz deva sempre ser promovida de forma assertiva, os leitores inevitavelmente terão um combate espiritual com suas provações e tentações e poderão "travar o bom combate" contra o diabo com a mesma ferocidade lendária de um jacaré, crocodilo ou serpente marinha.

Leitura complementar

Matthew Roper, "Anachronisms: Accidental Evidence in Book of Mormon Criticisms, Part 1: Animals", Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship (a ser publicado).

John L. Sorenson, *An Ancient American Setting for the Book of Mormon* (Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, 1985), pp. 187–188.



© Central do Livro de Mórmon, 2024

Notas de rodapé

- 2 Néfi 8:9; 23:22; compare isso com Isaías 13:22; 51:9.
- J. W. van Henten, "Dragon", in *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*, ed. Karel van der Toorn, Bob Becking e Pieter W. van der Horst (Boston, MA: Brill, 1999), p. 265. Vários exemplos bíblicos da palavra dragão provavelmente se referem a uma serpente (Salmo 91:13; Deuteronomio 32:33), embora a localização do Nilo faça com que alguns exemplos, incluindo o tannin comedor de serpentes da vara de Arão, pareçam se referir a um crocodilo (Êxodo 7:9-10, 12; Ezequiel 29:3; 32:2). "A vara de Arão é transformada diante de Faraó em um tannin (Êxodo 7:8-13), um termo que, dada a sua associação com o dragão cósmico e o fato de que a história se passa perto do Nilo, deve ser traduzido como 'crocodilo'. [...] [Mas] às vezes uma cobra é apenas uma cobra." Robert S. Kawashima, "Biblical Narrative and the Birth of Prose Literature", in *The Oxford Handbook of Biblical Narrative*, ed. Danna Nolan Fewell (Nova York, NY: Oxford University Press, 2015), p. 55. Este termo é usado quatro vezes nos Salmos, seis vezes em Isaías, seis vezes em Jeremias e uma vez em Miquéias, Jó, Malaquias e Ezequiel, então não teria sido desconhecido para Leí e Néfi.
- O termo baleia é usado na versão King James, em várias passagens: Gênesis 1:21; Isaías 27:1; 51:9; Salmos 74:13; 148:7; Jó 7:12. Os pesquisadores modernos se afastam dessa tradução. Por exemplo, o léxico hebraico e aramaico do Velho Testamento não menciona esse termo como uma opção de tradução válida para tannin, mas menciona "monstro marinho", "dragão marinho", "dragão", "serpente" e "crocodilo". Ludwig Koehler, Walter Baumgartner e Johann J. Stamm, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, ed. Mervyn E. J. Richardson, 2 v. (Leiden, NL: Brill, 2001), s.v. "תַּנִּין", doravante denominada HALOT. A criatura que engole Jonas, muitas vezes conceituada como uma baleia ou um tubarão, é descrita como um "grande peixe" (dag gadol; Jonas 1:17). No entanto, tem sido argumentado que o grande peixe de Jonas também pode ter sido conceituado como um tannin. Ver Scott B. Noegel, "Jonah and Leviathan", *Henoch* 37, no. 2 (2015): pp. 236–260.

4. Muitas menções a dragões terrestres na versão King James são provavelmente traduções erradas de um homônimo que significa "chacal". A palavra hebraica para "dragão" (דָּרָגָן) é muito semelhante à palavra "chacal" (כִּנָּי), um canídeo não sobrenatural semelhante a um lobo, cão ou raposa. Isso explica o uso da palavra dragão no Livro de Mórmon, bem como a maioria de seus usos na Versão King James da Bíblia: 2 Néfi 23:22; Isaías 13:22; ver também Isaías 34:14; 35:7; 43:20; Salmo 44:19; Jeremias 9:11; 10:22; 14:6; 49:33; 51:37; Neemias 2:13; Malaquias 1:3. HALOT, s.v. "דָּרָגָן". No entanto, a palavra tannin pode se referir a um dragão não aquático, quando Jeremias a usa como símbolo de Nabucodonosor ou em nome da Fonte do Dragão, pois essas referências são menos diretamente israelitas (Jeremias 51:34; Neemias 2:13). Van Henten, "Dragon", p. 265.
5. Van Henten, "Dragon", 265: "Os mitos mesopotâmicos, hititas, cananeus, egípcios, iranianos e gregos descrevem batalhas entre uma figura que representa o caos e provoca a rebelião e um deus supremo (ainda jovem) que restaura a ordem dos deuses derrotando o monstro. [...] O conflito geralmente ocorre em tempos primitivos."
6. Central do Livro de Mórmon, "Por que temos três relatos diferentes da Criação? (2 Néfi 2:22)", KnoWhy 400 (26 de julho de 2018); Central do Livro de Mórmon, "Por que Jacó descreve Deus como um guerreiro divino? (2 Néfi 6:17)", KnoWhy 277 (26 de dezembro de 2017). C. Uehlinger, "Leviathan", in Dictionary of Deities and Demons, pp. 511–515; K. van der Toorn, "Rahab", in Dictionary of Deities and Demons, pp. 684–687; Van Henten, "Dragon", pp. 265–267; G. C. Heider, "Tannin", in Dictionary of Deities and Demons, pp. 834–836. Às vezes, *tehom* e *yam*, as palavras hebraicas para "as profundezas" e "o mar", são consideradas monstros personificados do caos. Por exemplo, nos escritosugaríticos e potencialmente em algumas passagens bíblicas, o mar era personificado como um dragão chamado Yam. F. Stolz, "Sea", em Dictionary of Deities and Demons, pp. 737–742. Essas imagens também podem estar em vigor em passagens do Velho Testamento, como Isaías 51:9–10 (citado em 2 Néfi 8:9–10). B. Alster, "Tiamat", em Dictionary of Deities and Demons, pp. 867–869. Há uma sobreposição considerável entre eles, e não se sabe ao certo se eles são idênticos. "[Algumas] questões relacionadas às evidênciasugaríticas geraram algum debate. [...] [São] tnn, ltn e ym monstros separados ou nomes/epítetos diferentes para o mesmo ser?" Heider, "Tannin", p. 835.
7. Central do Livro de Mórmon, "Por que Jacó teria escolhido o símbolo de um 'monstro' para descrever a morte e o inferno? (2 Néfi 9:10)", KnoWhy 34 (11 de Fevereiro de 2017). Alguns lamanitas pensavam que Amon era um monstro, embora sua aparência humana para eles sugira que ele provavelmente não era considerado um tannin, pois estes não eram antropomórficos. A Bíblia hebraica descreve várias outras criaturas sobrenaturais, algumas das quais podem ter estado por trás da concepção lamanita de Amom, embora seja possível que eles tivessem um conceito lamanita mais antigo ou talvez único em mente.
8. 2 Néfi 8:9; 9:10,19, 26.
9. John L. Sorenson, *An Ancient American Setting for the Book of Mormon* (Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, 1985), pp. 187–188. Ver também John L. Sorenson, *Mormon's Codex* (Provo, UT: Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2013), 321: "A representação de 'dragões' também é apropriada. O 'dragão' por excelência do México e da América Central é o crocodilo ou jacaré. Esta criatura era uma representação poderosa de um guerreiro."
10. Os gêneros de crocodilos *Alligator*, *Melanosuchus*, *Paleosuchus*, *Caiman* e *Crocodylus* são todos encontrados no Novo Mundo; no entanto, os únicos gêneros encontrados na Mesoamérica são *Caimane* *Crocodylus*, por isso é quase certo que estes são os crocodilos descritos e representados nas antigas culturas mesoamericanas, como mencionado abaixo. Em particular, as espécies *Crocodylus acutus*, *Crocodylus moreletii* e *Caiman* crocodilus são encontradas na Mesoamérica. Francisco Villamarin, Armando H. Esobebdo-Galvan, Pablo Siroski e William E. Magnusson, "Geographic Distribution, Habitat, Reproduction, and Conservation Status of Crocodylians in the Americas", in *Conservation Genetics of New World Crocodylians*, ed. Rodrigo Barban Zucoloto, Patricia Susana Amavet, Luciano Martins Verdade e Izeni Pires Farias (Cham, CH: Springer, 2021), pp. 1–30.
11. Terry Stocker, Sarah Meltzoff e Steve Armsey, "Crocodylians and Olmecs: Further Interpretations in Formative Period Iconography", *American Antiquity* 45, no. 4 (Outubro 1980): p. 747: "Os humanos podem caçar crocodilos para se alimentar, mas o oposto também é verdadeiro. Os crocodilos são definitivamente predadores da população humana. Seus ataques não são anormais como em casos isolados de outros animais; em vez disso, o humano é uma parte regular da comida de crocodilo. Este é certamente um traço anômalo e com o qual os povos pré-colombianos devem ter lidado." Uma antiga fonte espanhola descreveu os crocodilos americanos como "muito ferozes e muito temidos pelo povo [...] Alguns dos jacarés são de 7 a 9 metros ou mais, com corpos grandes e pés grandes, e cobertos com escamas através das quais uma bala de mosquete não pode perfurar. Suas caudas são muito poderosas e perigosas; e suas bocas são grandes, com três fileiras de dentes formidáveis." Don Diego García de Palacio, *Letter to the King of Spain*, trad. Ephraim G. Squier (Culver City, CA: Labyrinthos, 1985), p. 16.
12. Alphonse Richard Hose, "Preliminary Account on Neotropical Crotalinae (Serpentea Viperidae)", *Memorias do Instituto Butantan* p. 32 (1965): pp. 109-184; Max K. Hecht, Chaim Kropach e Bessie M. Hecht, "Distribution of the Yellow-Bellied Sea Snake, *Pelamis platurus*, and Its Significance in Relation to the Fossil Record", *Herpetologica* 30, no. 4 (1974): p. 389. Para cobras aquáticas e cobras de liga aquática, ver V. Deepak et al., "Multilocus Phylogeny, Natural History Traits and Classification of Natricine Snakes (Snakes: Natricinae)", *Zoological Journal of the Linnean Society*, 20 (2021): pp. 5, 8, 12.
13. Brian D. Stubbs sugere que pode até haver uma conexão etimológica entre o sobek egípcio, ou crocodilo, e o supak proto-auto-asteca para crocodilo. Brian D. Stubbs, *Exploring the Explanatory Power of Semitic and Egyptian in Uto-Aztecan* (Provo, UT: Grover Publications, 2015).
14. "Três noções fundamentais acompanham a serpente mesoamericana: [primeiro], que a serpente é a água, o conduto da água ou o portador da água; dois, que sua boca se abre para uma caverna; e três, que a serpente é o céu. [...] As cobras emplumadas de Teotihuacan e Cacaxtla têm associações aquáticas específicas." Mary Miller e Karl Taube, *An Illustrated Dictionary of the Gods and Symbols of Ancient Mexico and the Maya* (Londres, Reino Unido: Thames & Hudson, 1993), p. 150.
15. Stephen D. Houston, "Living Waters and Wondrous Beasts", *Fiery Pool: The Maya and the Mythic Sea*, ed. Daniel Finamore e Stephen D. Houston (New Haven, CT: Yale University Press, 2010), pp. 72–73: "As águas em movimento [...] assumiram a forma de um ser vivo, uma cobra cujo corpo consistia em água com contos [...] 'Sensível' pode ser uma palavra muito forte para descrever o réptil aquático, mas com sua própria existência e movimento de chicoteamento, a cobra redefiniu a natureza da água, de substância física para criatura com vontade própria e capacidade de ação: agora é um ser vivo e não mais uma coisa."
16. Karl A. Taube, "Where Earth and Sky Meet: The Sea and Sky in Ancient and Contemporary Maya Cosmology", *Fiery Pool*, 205, observa: "Datado pouco antes da conquista espanhola, o Códice de Dresden apresenta na página 74 uma banda celestial reptiliana com um membro anterior de cervo, provavelmente uma versão pós-clássica tardia do Crocodilo Cervo Estelar [...] [e] jatos de água jorram de sua boca e corpo [...] e acredita-se que essa cena se refira ao mito do dilúvio cósmico. Um mural mais ou menos contemporâneo de Tulum apresenta um crocodilo olhando para baixo com jatos de água caindo de seu corpo, claramente uma representação da inundação." Prudence M. Rice, "Maya Crocodylians: Intersections of Myth and the Natural World at Early Nixtun-Ch'ich'," *Journal of Archaeological Method and Theory* 25, no. 3 (2018): p. 731, diz: "As ligações entre chuvas e crocodilos persistiram no período colonial entre os maias".
17. Michel Graulich, "Creation Myths", *The Oxford Encyclopedia of Mesoamerican Cultures: The Civilizations of Mexico and Central America*, ed. David Carrasco, 3 v. (Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2001), 1: p. 281.
18. Houston, "Living Waters and Wondrous Beasts", 69: "[Em] murais de cerca de um século antes da conquista espanhola [...] um crocodilo cósmico, modelo da terra, marca a beira do mar [...] .[A] parte de trás de um crocodilo ou de uma tartaruga pode exemplificar a superfície terrestre do mundo."
19. Miller e Taube, *Gods and Symbols*, 48: "Um dos carnívoros mais reverenciados na Mesoamérica era o jacaré (*Caiman crocodilus*). Por causa de seu habitat aquático, tamanho grande e costas espinhosas, o jacaré era uma metáfora comum para a terra montanhosa flutuando acima do mar. [...] Com seu tronco espinhoso e inchado, a ceiba tem alguma semelhança com as costas ásperas do jacaré. O Dragão

- Cósmico ou Monstro Cósmico também parece ter sido associado à Via Láctea no céu e à chuva de uma grande inundação. David Freidel, Linda Schele e Joy Parker, *Maya Cosmos: Three Thousand Years on the Shaman's Path* (New York, NY: William Morrow, 1993), pp. 106, 151. As cobras também eram consideradas símbolos de fertilidade e regeneração. Miller e Taube, *Gods and Symbols*, pp. 149-150.
20. Taube, "Where Earth and Sky Meet", p. 204: "O Popol Vuh dos K'iche' Maia do século XVI menciona uma versão deste mito [do massacre de crocodilos], aqui relacionado a um ser monstruoso conhecido como Sipak, um nome claramente derivado do asteca Cipactli. Capaz de criar cadeias de montanhas durante a noite, Sipak foi finalmente derrotado pelos Heróis Gêmeos, que o enterraram sob uma grande montanha."
 21. Nicholas M. Hellmuth, "Crocodiles, Caimans and Alligators in Mayan Art and Mythology of Guatemala", *Revue: Guatemala's English Language Magazine*, novembro de 2011, 94: "Na verdade, 'dragão' é um termo que nem sempre é inapropriado." Ver também Kay Almere Read e Jason J. Gonzalez, *Mesoamerican Mythology: A Guide to the Gods, Heroes, Rituals, and Beliefs of Mexico and Central America* (New York, NY: Oxford University Press, 2000), p. 173.
 22. Números 21:4-9; 2 Reis 18:4. Para um estudo sobre o papel sagrado das cobras no Velho Mundo e no Livro de Mórmon, consulte o artigo da Central do livro de Mórmon, "Por que Néfi disse que as serpentes podiam voar? (1 Néfi 17:41)", *KnoWhy* 316 (20 de fevereiro de 2018); Central do Livro de Mórmon, "Por que Isaías se referiu às Hostes Celestiais como "Serafins"? (2 Néfi 16:1-2; Isaías 6:1-2)", *KnoWhy* 645 (19 de setembro de 2022); Central do livro de Mórmon, "Havia "serpentes voadoras ardentes" ao longo do caminho de Lef? (1 Néfi 17:41)", *KnoWhy* 646 (22 de setembro de 2022); Central do livro de Mórmon, "Por que Jesus se comparou à serpente de bronze? (João 3:14-15)", *KnoWhy* 657 (10 de fevereiro de 2023); Central do Livro de Mórmon, "Como Néfi comparou olhar para Cristo com olhar para a serpente de bronze? (2 Néfi 25:20)", *KnoWhy* 721 (12 de março de 2024).
 23. Miller e Taube, *Gods and Symbols*, 48: "Tanto os maias quanto os mexicanos centrais identificaram o jacaré com deuses criadores mais velhos. [...] Em vários casos, Itzamna é retratada dentro do corpo do jacaré."
 24. O monstro terrestre crocodilo é um exemplo paradigmático da convergência de répteis lendários, violência e água: "Tanto no pensamento maia do México central quanto no Yucatecan, a terra poderia ser vista como um grande jacaré flutuando no mar. Os astecas também o consideravam um devorador monstruoso, com enormes mandíbulas abertas, garras e bocas frescas colocadas nas articulações dos membros." Miller e Taube, *Gods and Symbols*, p. 83.
 25. Miller e Taube, *Gods and Symbols*, pp. 141-142. Tlaloc, divindade da chuva, é geralmente retratada com imagens de uma onça-pintada, mas ocasionalmente tem a aparência de um réptil. Esther Pasztory, "The Iconography of the Teotihuacan Tlaloc", *Studies in Pre-Columbian Art and Archaeology* 15 (1974): pp. 18-19.
 26. Taube, "Where Earth and Sky Meet", 209: "A massacre do crocodilo do mundo [...] [denota] o mar como um reino de conflitos sangrentos e violentos." Houston, "Living Waters and Wondrous Beasts", 72: "Mais especulativamente, o sangue que flui da criatura pode ter formado o próprio mar, uma opinião apoiada pela decapitação relatada de um crocodilo mítico em 3301 a.C. relacionado em Palenque ao acúmulo de sangue em grandes quantidades".
 27. Freidel, Schele e Parker, *Maya Cosmos*, 316: "Waxaklahun-Ubah-Kan (a Serpente da Guerra), Nu-Balam-Chak (o Jaguar da Guerra) e K'n-Balam(o Jaguar-Sol) presidiram a guerra e os sacrifícios de todos os reis maias. [...]Eles eram especialmente perigosos no campo de batalha, onde as batalhas decisivas eram travadas no plano sobrenatural."
 28. F. Kent Reilly III e James F. Garber, "The Symbolic Representation of Warfare in Formative Period Mesoamerica", em *Ancient Mesoamerican Warfare*, ed. M. Kathryn Brown e Travis W. Stanton (Walnut Creek, CA: AltaMira, 2003), pp. 129-130: "Precedendo o simbolismo do complexo Tlaloc/Guerra de Vênus está um complexo de guerra anterior cuja forma visível consistia em trajes de elite derivados de zoomorfos sobrenaturais."
 29. Brant Gardner, *Second Witness*, 6 v. (Salt Lake City, UT: Kofford, 2007), 4: p. 288: "As ninhadas [reais] eram acompanhadas por uma 'besta de batalha', ou um alter ego animal, encarnado nas roupas do rei e da ninhada. [...]Este animal era uma espécie de alter-ego do rei, e era chamado way [pronunciado como a letra y]." Freidel, Schele e Parker, *Maya Cosmos*, pp. 191-192: "The wayob [plural of way] das imagens maias clássicas apareceu de muitas formas, como formas humanas, animais de todos os tipos e combinações grotescas de corpos humanos e animais. [...] [No pensamento Maia], os antigos maias também se tornaram seu wayob quando lutaram suas guerras." Freidel, Schele e Parker, *Maya Cosmos*, 325: "Como as Serpentes de Guerra dos Maias do Sul e Teotihuacan, as Serpentes Emplumadas de Chich'en Itza também são bestas de batalha." Ver também pp. 310-311 e 313.
 30. Stocker, Meltzoff, and Armsey, "Crocodilians and Olmecs", pp. 743, 752: "Na verdade, muito do que antes era chamado de 'onça' agora parece ser na verdade 'crocodilo[...]. [O] 'homem-crocodiliano' [é] aquele motivo anteriormente rotulado como 'homem-jaguar'". Outros apontam para sua natureza fantástica e composta. Freidel, Schele e Parker, *Maya Cosmos*, p. 261.
 31. Mary Butler, "Dress and Decoration of the Maya Old Empire", *Museum Journal* 22, no. pp. 2 (1931): 156-159: "Em Copán e Piedras Negras, assim como em placas de jade, elas aparecem tocadas com a mandíbula superior do focinho de um réptil visto de frente, mas sem a mandíbula inferior. [...]Também máscaras de animais, às vezes crocodilo, às vezes jaguar, são geralmente o elemento principal de um cocar."
 32. Matthew Roper, "Anachronisms: Accidental Evidence in Book of Mormon Criticisms, Part 1: Animals", *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* (a ser publicado).
 33. Outras criaturas sobrenaturais bíblicas na Versão do Rei Jaime incluem o demônio cabra ou "sátiro" (2 Néfi 23:21; Levítico 17:7; Isaías 13:21; 34:14; 2 Crônicas 11:15); "unicórnios", que provavelmente deve ser traduzido como "boi" (Números 23:22; 24:8; Deuteronômio 33:17; Salmos 22:21; 29:6; 92:10; Jó 39:9-10; Isaías 34:7); a "coruja que chilreia", que alguns argumentam se referir ao demônio Lilith (Isaías 34:14); o dragão Raabe (Isaías 51:9; Salmo 89:11; Jó 9:13); o dragão Leviatã (Salmo 74:14; Jó 41:1; Isaías 27:1); e uma criatura chamada behemot (Jó 40:15).
 34. "As referências bíblicas ao dragão podem ser consideradas simbólicas, ou seja, o escritor usa o dragão de forma fictícia. Essas referências são uma espécie de evocação abreviada das forças malignas do cosmos que estão em conflito com o homem." Roy Pinney, *The Animals in the Bible* (Filadélfia, PA: Chilton, 1964), p. 201.
 35. Parece provável que tanto o tannin hebraico quanto as concepções mitológicas dos crocodilos mesoamericanos foram baseados em criaturas reais, mas eles provavelmente se tornaram distorcidos ao longo do tempo. "Em um certo ponto, a imaginação assumiu o controle. Os escultores e pintores das cidades do interior criaram um bestiário conjectural. Criaturas que dizem existir ou que se acredita terem uma certa aparência adquiriram cabeças e corpos que se desviaram consideravelmente do original." Houston, "Living Waters and Wondrous Beasts", p. 76.
 36. Apocalipse 12; George L. Scheper, "Devil", *Oxford Encyclopedia of Mesoamerican Cultures*, 1: pp. 321-322.
 37. 1 Timóteo 6:12 Para um tratamento interessante do pacifismo dos Santos dos Últimos Dias, ver Patrick Q. Mason e J. David Pulsipher, *Proclaim Peace: The Restoration's Answer to an Age of Conflict* (Provo, UT: Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2021).